

A ESCOLA DO DIA A DIA É A ESCOLA DA VIDA: NARRATIVAS DE CIGANOS EM PIRES DO RIO-GO

Wolney Honório Filho¹
Adilson Dos Reis Felipe²

Resumo: A relação entre ciganos, formação e escolarização é um tema pouco debatido no Brasil. Populações ciganas geralmente são excluídas do convívio social nas cidades e geralmente não são conhecidos como cidadãos dotados de direitos. Este texto “A escola do dia a dia é a escola da vida: narrativas de ciganos em Pires do Rio - GO” tem por objetivo compreender o sentido de formação apresentados por meio das experiências de vida de ciganos residentes na cidade de Pires do Rio-GO. A metodologia utilizada é o biográfico narrativo, a partir de entrevistas coletadas com cinco ciganos não escolarizados. Compreendemos que a escola da vida destes ciganos, traduzida pelos aprendizados de compra e venda, cuidados com a casa, convivência familiar, entre outros, são elementos fortemente formativos que esses ciganos carregam ao longo da vida.

Palavras chaves: Ciganos; formação ao longo da vida; narrativas; história da educação.

The day-to-day school is the school of life: gigan narratives in Pires do Rio - GO

Abstract: The relation between gypsies, training and schooling is an issue which is not so discussed in Brazil. Gypsy populations are generally excluded from social living in cities and they are not usually recognized as citizens with proper rights. This text: “The day to day school is the school of life narratives of gypsies in Pires do Rio-GO”, aims to understand the sense of training presented through the life experiences of gypsies who live in Pires do Rio city. The biographical narrative was the methodology used, based in interviews with five non-schooling gypsies. It’s understood that the school of life of these gypsies can be shown by the way of learning about purchasing and selling, home care, family life, among others, strongly learning elements these gypsies carry throughout their lives.

Keywords: gypsies; lifelong learning; narratives; education stories.

¹ Universidade Federal de Catalão. whonoriof@gmail.com

² Faculdade do Sudeste Goiano. adil.sonfelipe@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Frans Moonen (2011) nos alerta que ao se aventurar em estudos que abordam os ciganos, certamente o pesquisador terá pela frente muitos problemas e, devido à falta de bibliografia específica, muitos deixam de pesquisar, pois, não encontram suporte teórico para dar sustentação às pesquisas. Essa dificuldade é reforçada nas produções existentes que geralmente enfatizam a vida cigana apenas através da dança, costumes, esoterismo, magia ou abordando a questão da origem histórica.

Segundo Teixeira (2009), durante o caminhar cigano pela história, a eles foram imputados vários adjetivos, tais como: imorais, sem honra, gananciosos, sujos, desonestos entre outros que, aliados ao preconceito, fez com que se criassem barreiras que os separassem ou dificultasse a vida social, cultural e escolar.

Oliveira et al. (2013) escrevem o texto “Escola, conhecimento e formação de pessoas: considerações históricas” a partir de uma concepção de que a escola é uma “das instituições capazes de oportunizar melhores condições de igualdade social em virtude de uma formação de caráter científico e de uma aprendizagem real para aquele que a recebe” (p.145). Ora, nós também acreditamos que a formação intelectual é condição para o processo formativo, o desenvolvimento da pessoa e da sociedade. Porém, quando tomamos a formação como algo que acontece ao longo da vida, especialmente com populações ciganas, não escolarizadas, ocorre-nos a seguinte indagação: como se dá esse processo formativo?

O objetivo deste texto é compreender o sentido de formação apresentado por meio das narrativas de experiências de vida de ciganos residentes na cidade de Pires do Rio - GO³. No âmbito da multiplicidade de sentidos sociais de formação, geralmente, a maioria se vincula à formação escolar. Josso (2010) nos diz que a palavra formação apresenta uma dificuldade semântica, pois:

Designa tanto a atividade no seu desenvolvimento temporal, como o respectivo resultado. Designando o nosso objeto de investigação pelo próprio conceito de processo de formação,

³ A cidade de Pires do Rio - GO encontra-se localizada no sudeste goiano: “limita-se ao norte com os municípios de Orizona, Vianópolis e São Miguel do Passa Quatro; a leste com os municípios de Orizona e Urutaí; e a oeste com Santa Cruz de Goiás, Palmelo e Cristianópolis; ao sul com os municípios de Caldas Novas e Ipameri” (DIAS, p. 24, 2008).

indicávamos mais claramente que nos interessávamos pela compreensão da atividade. Todavia, mantém-se uma ambiguidade, à medida que o conceito utilizado não permite distinguir a ação de formar (do ponto de vista do formador, da pedagogia utilizada e de quem aprende) da ação de formar-se. (JOSSE, 2010, p. 61).

Esta é uma pesquisa⁴ que se situa no campo da história da educação e que se utiliza do ponto de vista metodológico, do enfoque biográfico narrativo (BOLÍVAR, 2012). Turato (2005) aponta que pesquisas narrativas são aquelas que abordam os estilos de vida, valores, a interação social, as crenças, podem também abordar as atitudes de determinada pessoa ou grupo social bem como suas opiniões e atitudes.

Aqui, foram identificados 11 ciganos não escolarizados⁵, num primeiro momento, com uma pesquisa exploratória⁶, dos quais foram ouvidos 05 (cinco) que se reconhecem como não escolarizados, sendo: três mulheres e dois homens. A faixa etária dos narradores oscila entre 58 a 70 anos e foram identificados com os pseudônimos: “Alfa, Bravo, Charlie, Delta e Eco”, cada qual com sua vivência e maneira peculiar de narrar e encarar a vida, com muitos sonhos e preocupações, principalmente com os ciganos mais jovens, em especial com as questões relacionadas ao trabalho e moral/honestidade.

EXPERIÊNCIAS FORMADORAS

Interessa-nos entender a formação ao longo da vida dos ciganos de Pires do Rio-GO, evidenciada por meio das falas de protagonistas ciganos. Josso (2004) nos fornece pistas que abordam a experiências formativas. Ela diz:

Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é “vivido” na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Contudo, é também um modo de dizermos que, neste continuum temporal,

4 Cabe lembrar que este texto é um recorte a partir de documentação produzida na pesquisa de Felipe (2018).

5 Por se tratar com pesquisa com seres humanos, cabe informar que esta pesquisa está aprovada pelo CEP-UFG, parecer número 1.997.188, de 03 de abril de 2017.

6 A pesquisa foi realizada utilizando-se um questionário semiestruturado para as entrevistas com os ciganos.

algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe a nossa consciência e delas extrairemos as informações úteis às nossas transações conosco próprios e/ou com o nosso ambiente humano e natural (JOSSO, 2004, p. 48).

De fato, em todos os momentos da vida as pessoas vão adquirindo novas experiências que podem passar despercebidas, tidas como fatos corriqueiros, aos quais não é destinado grande importância, o que, em outros, há supervalorização. Contudo, todos esses acontecimentos fazem parte do processo formativo. Esse contar as experiências formadoras (JOSSO, 2004) para alguém é também contar para si mesmo, fatos da vida que são fundamentais no tempo presente. As experiências formativas acumuladas ao longo da vida remontam a própria existência do sujeito.

A aprendizagem, nesta linha de raciocínio, não acontece apenas nos espaços escolares, pois aprendemos em todas e quaisquer situações, ou seja: em casa, na igreja, trabalho, viagens, no convívio familiar, entre amigos, bem como em situações de conflito, na troca de experiências com os mais velhos ou até mesmo na informalidade. Aprendemos assistindo à televisão, lendo livros, folheando catálogos ou navegando na Internet, tanto quanto quando refletimos e quando fazemos projetos. Pouco importa se essa maneira de nos formarmos seja trivial ou requintada: não podemos alterar o fato de que somos aprendizes “no longo do curso da vida”. (ALHEIT e DAUSIEN, 2006, p. 117).

Logo, aprender é algo flexível que acontece em ritmos diferentes para cada indivíduo. É um processo de adaptação pelo qual os sujeitos buscam respostas para as diversas interrogações e inquietações do dia a dia. Independe da forma requintada ou do conhecimento de mundo, pois, o aprender pode provocar alterações na maneira como vemos e interagimos com o mundo, o que implica mudanças e conseqüentemente tomada de decisões. Devido às constantes mudanças que ocorrem com os ciganos, relacionados às suas vivências, viagens, costumes, família, atividades laborativas, convivência social, escolar, supõe-se que tudo isso afeta sua vida cotidiana. As experiências de vida desses sujeitos, produzidas por meio das narrativas, são o ponto forte para compreender esse processo de contínuas mudanças e suas histórias de vida com o grupo social, no qual se encontram inseridos.

As histórias de vida das pessoas são permeadas por experiências e vivências individuais e/ou coletivas, que ao longo dos anos vão compondo um entrelaçamento de ideias e saberes de forma que cada um vai construindo sua trajetória através do vivido. Essa interação coletiva do homem com o mundo

não se limita apenas com seus pares, mas com todo o meio ambiente relacionado aos seres bióticos e abióticos existentes na natureza.

Conforme o Memorando sobre “Aprendizagem ao Longo da Vida” (2000), “a aprendizagem ao longo da vida deixou de ser apenas uma componente da educação e da formação, devendo tornar-se o princípio orientador da oferta e da participação num contínuo de aprendizagem, independentemente do contexto”. (BRUXELAS, 2000, p.03). Este documento informa que “a aprendizagem ao longo da vida considera todo o processo de aquisição de conhecimentos como um contínuo ininterrupto do berço à sepultura” (BRUXELAS, 2000, p. 08). Segue informando que a aprendizagem pode apresentar-se de três formas: “formal, não formal e informal”:


Aprendizagem formal: decorre em instituições de ensino e formação e conduz a diplomas e qualificações reconhecidos.

Aprendizagem não formal: decorre em paralelo aos sistemas de ensino e formação e não conduz, necessariamente, a certificados formais. A aprendizagem não formal pode ocorrer no local de trabalho e através de atividades de organizações ou grupos da sociedade civil (organizações de juventude, sindicatos e partidos políticos). Pode ainda ser ministrada através de organizações ou serviços criados em complemento aos sistemas convencionais (aulas de arte, música e desporto ou ensino privado de preparação para exames).

Aprendizagem informal: é um acompanhamento natural da vida quotidiana. Contrariamente à aprendizagem formal e não formal. Este tipo de aprendizagem não é necessariamente intencional e, como tal, pode não ser reconhecida, mesmo pelos próprios indivíduos, como enriquecimento dos seus conhecimentos e aptidões. (Memorando Sobre Aprendizagem ao Longo da Vida, p. 9, 2000). (Grifo Nosso)

Para os ciganos participantes desta pesquisa, as aprendizagens informais são as que melhor contemplam a forma de vida desses sujeitos, que aprendem com os mais velhos de seu grupo social. Esse aprendizado, tais como lavar, passar, cozinhar, vender, comprar, montar e desmontar as barracas dos acampamentos, cuidar dos animais, gambirar⁷, ler a sorte, dançar, cantar, cuidar

7 Gambirar para os sujeitos narradores é algo comum entre eles, pois significa trocar objetos diversos que podem ser utensílios domésticos, animais (cavalos), carros, aparelhos eletrônicos entre outros que geralmente gera lucros e movimentação o grupo de ciganos.



das crianças e dos afazeres domésticos, acontece corriqueiramente na vida dos ciganos e fazem parte do processo de formação. No entanto, por serem atividades simples, do dia a dia, não são interpretadas como algo importante. Entretanto, o aprender, nesse sentido, é contínuo, acontece pela observação e repetição das atividades diárias, sem que haja, necessariamente, a intencionalidade. Aprende-se pelo fato de ver e vivenciar tais atividades com frequência.

Segundo Caspar (2007), o processo de formação não está condicionado apenas à relação professor/aluno, na transferência e aquisição de conhecimentos. Abarca uma dimensão mais ampla, que perpassam os muros escolares, entendendo que o processo formativo é algo que acontece com todos e em todos os espaços. Em outras palavras, é uma transformação da própria identidade.

Libanio (2002), em sua obra a “Arte de Formar-se”, afirma que o principal protagonista no processo de formação recai sobre a própria pessoa do formado, portanto:

Formar-se é tomar em suas mãos seu próprio desenvolvimento e destino, num duplo movimento de ampliação de suas qualidades humanas e religiosas e de compromisso com a transformação da sociedade onde vive. É modelar livremente a própria vida a fim de participar do processo construtivo da sociedade. (LIBANIO, 2002, p.13,14).

Independentemente da situação a qual os sujeitos estão inseridos, a aprendizagem e o processo formativo acontecerão em momentos e situações diferentes para cada um. No entanto, é necessário que haja apoio e estímulos, e situações favoráveis, pois, cada sujeito possui sonhos e expectativas diferenciadas de acordo com o meio onde vive as interações sociais e familiares.

Bragança (2011, p. 161) diz que “a formação, em sua dimensão pessoal e interior, leva-nos ao encontro das mediações entre esse conceito e os processos identitários”. Intuímos que o processo formativo que acontece com os ciganos residentes em Pires do Rio-GO representa uma transformação do sujeito, algo que eles próprios não conseguem mensurar, pois acreditam que o pouco que sabem não tem valor.

Falar com os ciganos residentes em Pires do Rio-GO possibilitou compreender como esses sujeitos vivem e se integram na comunidade local.

Percebemos que tentam vivenciar o modo de vida apreendido com seus antecessores, mas esbarram no fator das mudanças sócias históricas que são bem visíveis entre os ciganos mais jovens. Estes, vivem situações de conflito entre manter as tradições ou não de seu povo, adquiridas com o convívio com os não ciganos⁸.

Exploremos então como os ciganos de Pires do Rio-GO lidam com a questão relacionada aos aprendizados construídos ao longo da vida, herdados dos pais ou avós e a importância que esses sujeitos dão a essas práticas diárias, que subjetivamente eles não mensuram, porém, representam o aprendizado que os acompanham por toda vida.

AS HISTÓRIAS DE VIDA COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO

Segundo Bragança (2011), pensar a formação é deixar o ser homem em evidência, reconhecendo que estes são sujeitos históricos, que gradualmente vão construindo suas tessituras por meio das vivências e relacionamentos. Trata-se de pensar o humano como o centro da reflexão sobre formação, a partir, especialmente, das relações que temos conosco, com outros homens e mulheres, com o meio o qual estamos inseridos, enquanto uma rede de interdependência (Idem).

No ensaio “A transformação de si a partir da narração de histórias de vida” Josso (2007) diz:

O processo de formação que caracteriza o percurso de vida de cada um permite trazer à luz, progressivamente, o ser-sujeito da formação, vê-lo tomar forma psicossomaticamente, psicologicamente, sociologicamente, economicamente, culturalmente, politicamente, espiritualmente, numa sábia e singular teia, produzindo assim um motivo único. A consciência de ser (ativamente ou passivamente) sujeito de sua história, através de todos os ajustes que foi preciso fazer, permite ter a medida do que está em jogo em toda a formação: a atualização do sujeito num querer e poder ser e vir - a - ser e sua objetivação nas formas

8 Os não ciganos representam todos aqueles que não possuem sangue cigano e que não vivem as tradições ciganas. Em Pires do Rio - GO devido à miscigenação racial e o número reduzido de ciganos natos há muitos relacionamentos de ciganos com os moradores locais sendo aceito pelos ciganos desde que vivam como se ciganos fossem.

socioculturais visadas, as que já existem ou as que ele tiver que imaginar (JOSSE, 2007, p. 423).



Josso (2007) revela que as experiências vão progressivamente formando o sujeito em vários quesitos, que perpassam os psicológicos, sociais, econômicos, culturais, políticos ou espirituais, ligados uns aos outros, que naturalmente vão formando o “ser” sujeito, por ela classificados como:

- “Ser de sensibilidades” - sendo aquele capaz de vivenciar e manifestar seus sentimentos, que independem de serem agradáveis ou não.
- “O Ser de atenção consciente” - representado pelo ser que se reconhece e percebe as transformações à sua volta.
- “Ser de emoções” - dotadas de sensibilidades menos carnis. “O Ser de afetividade” representa aqui o ser enquanto constituído dos laços afetivos e relacionamentos interpessoais mantidos, rompidos ou internalizados consciente ou inconscientemente, que nos faz entrar no universo dos laços construídos, mantidos ou rompidos, em torno dos valores que nós interiorizamos não conscientemente.
- “Ser cognição” - capacidade de aquisição e desenvolvimento da linguagem, inteligência, ordenação do pensamento por meio das vivências e percepção da visão de mundo de forma individual.
- “O Ser de ação corporal” - é uma combinação de todos os outros, é o ser que age, atua de forma que as transformações aconteçam.

Este ser sujeito cigano em constante transformação é detentor de muitos saberes e experiências que, ao narrarem, compõem a história e identificam esses sujeitos como seres históricos, numa sociedade mutante, a qual seus habitantes vão reescrevendo suas histórias e dando sentido à vida e ao vivido.

O SENTIDO DE FORMAÇÃO AO LONGO DA VIDA PARA OS CIGANOS DE PIRES DO RIO-GO

O aprendizado acontece na vida de todas as pessoas de maneiras e formas diferentes. O que realmente irá fazer a diferença é o valor ou sentido que cada

um dá ao que foi aprendido. Utilizar esse aprendizado como elemento facilitador das atividades diárias é fundamental para sua sobrevivência e de seus pares. Os ciganos residentes em Pires do Rio-GO vêm passando por inúmeros processos formativos através da vivência com seus pares e demais habitantes desta urbe.

Certamente, há uma diferença entre a experiência dos idosos e dos jovens. O que os idosos dizem saber foi aprendido na convivência com seus pais, tios, enfim, no convívio social com membros de seu grupo. Eles partilham suas experiências e aprendizagens com os demais, através de uma troca significativa, que podem potencializar o processo formativo em desenvolvimento. São saberes repassados, em geral pela oralidade, o que tem garantido a permanência destes sujeitos na sociedade, vivendo atualmente com muitas das características de seus antepassados. Já as novas gerações, frequentam a escola, aprendem a ler e escrever, o que amplia e diversifica a formação.

O aprendizado com os mais velhos baseia-se em uma relação de troca de saberes. Esta característica é bem pontuda durante a pesquisa. Quando indagado ao cigano Bravo (2017), o que ele aprendeu com o pai ou com o avô, e o que traz ou usa na vida até hoje, ele responde:

Ai eu, o que eu mexo mais é o que eles me ensinaram mais, é eu gambirar. Vendia um “trem”, arrumava outro “trem”, o que eles me ensinaram foi isso daí... Não meu filho, naquela época nós fazíamos gambira de cavalo, gambirava cavalo, ia fazendo esse “trem” assim ganhava dinheiro, então fazia assim, fazendo gambirar um cavalo, gambirava um revolver, o que tivesse na mão nós gambirávamos. Agora que nós paramos com isso, agora nós mexemos mais é com uma gambirinha de carro. Agora vivemos gambirando carro, troca e vende troca e vende agora. (BRAVO, 21/04/2017)⁹.

O narrador completa dizendo que o regime de aprendizado deles é diferente e que a família e os ensinamentos dos mais velhos são fundamentais para a troca de experiências que se arrastam ao longo da vida cigana. Há uma valorização e respeito pelos conhecimentos dos mais velhos. Bravo (2017) diz:

⁹ Cabe dizer que a fala natural dos ciganos participantes foi transcrita e fizemos uma textualização, pois o que nos interessa é o conteúdo que ela nos traz.

”o regime nosso, assim, não, não, isso aí foi com a família mesma, com os velhos nossos, o velho meu pai. Os tios nossos, o chefe nosso mesmo, que era o velho meu sogro, então, era aí que nós ficávamos assim, pegamos o regime deles”.

Alfa (2017) enfatiza as dificuldades e os sofrimentos quando praticava essas atividades laborativas. Ele afirma não ter conhecido o avô e o que aprendeu foi com os ensinamentos de seus pais: “meu avô, eu não o conheci. Eu só tive os pais, viajamos no mundo, vendendo as coisas, andamos no mundo aí, oh..., vendemos rede, vendemos colcha, toalhas, mexendo essas ondas todas, sofria demais, viu?... a gente sofreu muito. Passamos precisão, é isso”.


As práticas laborativas identificadas na pesquisa exploratória e posteriormente confirmadas com as entrevistas, demonstram que entre as famílias ciganas pesquisadas, os ensinamentos eram os mesmos para todos e ancoravam principalmente nas práticas comerciais, ditas pelos narradores como gambira. Estas atividades laborativas formativas acompanham a evolução da vida cigana e dão sentido à vida, entendendo que foi (é) através das mesmas que estes sujeitos conseguem recursos financeiros para manterem suas famílias.

Atualmente, com os mais jovens está acontecendo um processo de readaptação das práticas formativas, ou seja, estão adquirindo poucos conhecimentos dos mais velhos e aderindo as tendências das práticas laborativas atuais, visando à empregabilidade no comércio formal, indústrias e demais atividades que não sejam gambira ou informalidade.

Para as mulheres ciganas, as experiências estavam mais relacionadas com os afazeres domésticos aprendidos com as avós, tias, mãe e familiares mais velhos. Há também a forte presença da compra e venda de produtos, em especial panos de prato e toalhas, conforme narra Charlie (2017):

Uai, meu filho, trabalhar, vender as coisas, sempre, minha família. Minha mãe sempre foi uma vendedora muito boa. Minha mãe, ela vendia..., ela vendia toalha, pano de prato. Então, sempre eu ajudava a minha mãe, nós íamos para São Paulo, nós íamos para as praias trabalhar. Então, nós crescemos nisso, então nós mexemos com isso. (CHARLIE, 16/04/2017).

Ir a São Paulo pode significar ir à Capital, tanto para comprar, quanto para vender. Pode também se entender ir ao Estado de São Paulo, como a região litorânea, para comercializar produtos, o que pode coadunar com a vida tradicional errante em vista à comercialização de produtos. De todo modo, é



marcante a característica de comércio entre os ciganos, tanto para os homens quanto mulheres. O que difere são as opções da atividade de compra e venda. Enquanto os homens lidam geralmente com a compra, troca e venda de animais, na maioria cavalos, carros, e outros objetos de maior valor, as mulheres se especializaram na venda de enxovais, toalhas, colchas e principalmente panos de prato.

Todo esse aprendizado que vem sendo repassado de geração em geração encontra aporte nas relações familiares, e, mesmo com as intempéries da modernidade, eles continuam com tais práticas laborativas, ora por realizarem um movimento de manutenção da tradição, ora por falta de formação profissional que os habilitem para outra atividade de trabalho.

Na narrativa de Charlie (2017) verificamos a formação de valores como compaixão, alteridade, humildade, caridade e educação informal.

Uai meu fio, eles me ensinaram é, para mim, ser boa pessoa, não ter preconceito com ninguém, que eu nunca tive em minha vida. Ser uma pessoa meu fio, humilde, uma pessoa. Se chega alguém na porta, se está precisando é para mim servir, porque meu pai tem um coração muito bom para me ajudar as pessoas. Se eu tivesse condições para ajudar mais do que eu queria, eu ajudaria. O que que minha família me ensinou foi isso, ser gente boa, educada e se alguém precisar é para eu ajudar as pessoas. A gente meu fio, a gente precisa de Deus e o mundo, né, então a gente precisa é isso meu fio. O que minha mãe me ensinou eu estou seguindo até hoje, de eu ser boa, de eu ajudar as pessoas que precisam e de ter fé em Deus e não ter preconceito com nada. (CHARLIE, 16/04/2017).

Para Charlie, ser boa pessoa pode indicar também uma recompensa “Divina”. Esta é uma fala estranhamente adequada ao mundo moderno cigano, pois contradiz a impressão geral de que são incrédulos comerciantes racionais, ou até ladrões.

Delta (2017) é a matriarca de uma família cigana extensa, que, mesmo possuindo casa de alvenaria, optou por ter uma barraca de lona para as visitas. Na residência, ela afirma que tem 12 pessoas, sendo ela, 01 sobrinho, 01 irmã, 04 filhos e 08 netos. Na verdade, são 15 pessoas, as quais ela define como ciganos e que ela é a principal provedora do núcleo familiar, realizando atividades aprendidas com seus familiares.

Ela nos diz:


Aprendi assim, comprar, vender, ler a sorte dos outros. Eu sou revendedora, mexo com enxoval, cama, mesa. O que eu aprendi? Foi isso mesmo, da gente viver assim, andando para cima, para baixo, sem sossego. Hoje não, graças a Deus nós sossegamos, paramos, apoiamos no mesmo lugar, sabe? A gente tem muitos amigos na cidade, só isso. (DELTA, 18/04/2017).

Delta (2017) reforça o que foi narrado por todas as outras famílias ciganas, que o comércio informal faz parte da vida e do processo formativo de todos os ciganos. Percebe-se quando ela menciona “para cima e para baixo”, falando do passado, quando ainda realizavam as viagens intermunicipais. Porém, agora esse sentido diz respeito apenas ao ir e vir do centro da cidade, oferecer seus produtos nas ruas e calçadas para os transeuntes.

Eco (2017) diz que tudo o que ela aprendeu foi com as ciganas mais velhas, avó, mãe e tias e que no tempo de criança, que eram apenas brincadeiras, foram se tornando realidade quando ela diz: “uai a gente assim, quando era criança, assim, só envolvia em brincar, aquele negócio de cozinhadinha, se vê cozinhando, brincando né”. Ou seja, ela repetia o que as mulheres adultas faziam. Porém, aquelas brincadeiras foram canalizadas para a vida adulta. Hoje, ela é mãe de família e repete os mesmos afazeres que suas antecessoras realizavam. Ela reforça o que diz em relação ao que aprendeu ao longo da vida quando diz: “Uai, com as pessoas da gente, a mãe, assim, ensinava a gente fazer as coisas e depois que eu casei e criei meus filhos, ninguém ensinou eu fazer mais nada. Ai, com o pai eu já sabia fazer as minhas coisas” (ECO, 2017).

Quando o narrador indaga sobre como a família dela faz para custear as despesas da casa, Eco, seguindo os apontamentos das demais famílias ciganas pesquisadas, afirma: “Nós somos uma turma, nós vendemos as coisas: toalhas, colchas, pano de prato, essas coisas assim, nós vivemos disso”. A narradora diz que está muito difícil viver com a venda destes produtos e que o povo está sem dinheiro por causa da crise. Disse ainda que os produtos comercializados por eles vêm diretamente de São Paulo e que são comprados através do telefone e quando chegam eles buscam no correio.

Segundo Clandinin e Connely (2015, p. 48) “para nós, as narrativas é o melhor modo de representar e entender a experiência”. Tais experienciais contidas nas narrativas ciganas demonstram a importância das experiências



adquiridas com a observação no convívio familiar entre os ciganos mais velhos. As narrativas apontam que no olhar dos ciganos eles dizem que não sabem nada, que aprenderam pouco. Quando eles dizem isso, o fazem comparando subjetivamente com o saber adquirido nas escolas. Porém, o que percebemos nas entrelinhas das narrativas é que o que eles aprenderam ao longo da vida com os mais velhos foram suficientes para que eles forneçam a manutenção de seus sucessores.

Charlie (2017) resume com propriedade o aprendizado ao longo da vida para os ciganos: “Aprendi com os antigos, com a minha família, do jeito que eles iam... Nós estamos seguindo a origem deles”. Ora, se estão seguindo os ensinamentos dos antigos, por que motivo a cultura cigana tem sofrido tantas modificações? O que os jovens ciganos esperam do futuro? Os aprendizados dos ciganos mais velhos que conseguiram manter suas famílias se aplicam aos ciganos mais jovens do século XXI? Estes e outros questionamentos, os quais ainda não temos respostas, merecem mais investigações sobre o olhar e entendimento dos ciganos mais jovens, como eles processam e entendem a vida cigana, sendo descendentes que não vivenciaram as viagens, montagem e desmontagem das barracas e as dificuldades e enfrentamentos que atualmente são outras.

A EDUCAÇÃO E A RELAÇÃO DOS CIGANOS COM A ESCOLA

Para Bourdieu (1998), a Escola pode atuar como um lugar que potencializa e reproduz as diversas desigualdades existentes nos grupos sociais. Ou ainda, a escola representa um espaço capaz de acolher um público diversificado com vários saberes e culturas, sendo uma mistura de etnias, religiosidade, visão de mundo, interesses, os quais não são os mesmos, tanto para alunos como para os educadores.

Ela recebe uma grande massa de alunos, mas nem todos se reconhecem neste espaço como sujeitos de direitos. É na escola enquanto uma instituição de ensino que as desigualdades podem ser potencializadas, fazendo com que alguns se sintam acolhidos, outros tantos discriminados pelas suas diferenças.

O grupo minoritário dos ciganos são de uma etnia e cultura diferente historicamente, não frequentavam os espaços escolares devido a vários fatores, entre eles o nomadismo. São considerados ágrafos, pois em sua saga histórica, vivendo constantemente aqui e ali nas estradas e nos acampamentos sob as

barracas de lona, não tiveram oportunidades de frequentarem as unidades escolares. Esses povos não tinham o costume de estudar devido a constantes viagens realizadas e também por acreditarem que não havia tal necessidade.

Entre os ciganos identificados na cidade de Pires do Rio-GO, 11 (onze) são completamente não escolarizados, não sabem ler ou escrever o próprio nome e sentem muitas dificuldades em lidar com o dinheiro. Ao longo dos anos, vivenciam perspectivas e realidades diferentes dos não ciganos. O aprendizado obtido nas escolas é um conhecimento que para eles não tinham muito valor.

Atualmente, sedentários e inseridos numa sociedade que constantemente passa por mudanças, aos poucos os ciganos mais jovens vão tendo contato com a educação formal ministrada por não ciganos nas unidades escolares.

Em busca de dados que abordam os motivos pelos quais os ciganos não frequentaram a escola, fizemos o seguinte questionamento: “Nós sabemos que geralmente as ciganas e os ciganos não frequentam a escola. Por que o (a) senhor (a) acredita que nunca foi necessário frequentar uma escola?”. Delta diz que as questões relacionadas à escola não eram cogitadas entre o grupo familiar dos ciganos, não havendo a necessidade de estudar, o que se justifica pelo constante processo de itinerância e a própria cultura transmitida de pais para filhos. Delta narra que atualmente está tudo mudado e que a tecnologia está presente em tudo. Há a nítida preocupação das novas gerações estarem frequentando as escolas, inclusive os jovens entre 25 e 30 anos, que são escolarizados diferentemente de seus antepassados, que culturalmente não sabiam ler ou escrever. (DELTA, 18/04/2017).

Bravo (2017), quando abordado pelo pesquisador sobre o assunto escola, diz que não é escolarizado, não conhece nada que tenha sido aprendido nas escolas. Os “meninos”, referindo-se às suas filhas e netos, que frequentam a escola, sabem ler e escrever.

Não, nunca fui matriculado, nunca fui mexido com escola não. Num sei nada, sou analfabeto nesse ponto. Já tem meus meninos que é tudo criado, já é tudo arrumadinho, tudinho arrumado. Tem escola, tem aula, tem tudo. Então dei aula para ele, tudo para nunca ter dor de cabeça. Mas, você sabe por que que antigamente nosso povo, os mais velhos, eram mais devagar? Então, não mexia com isso, não tinha essa influência com isso. Não sabia nada. Então, era trabalhando na roça. Gostava mais de

trabalhar assim....Gostava de trabalhar em roça. Eu já trabalhei de boia fria muitos anos. Trabalhei muito tempo de boia fria, trabalhando para cuidar, para ajudar a cuidar da família, certo? (BRAVO, 21/04 2017).

A partir do momento em que as novas gerações frequentam as unidades escolares, estão sujeitos a não terem “dores de cabeça”, que podem ser interpretadas como as inúmeras dificuldades relacionadas às limitações e oportunidades de propiciarem uma vida mais digna para seus filhos. Ou, pelo menos, de acreditar que a escola possa oferecer oportunidades melhores, às novas gerações. De todo modo, a relação dos ciganos mais velhos com a educação formal era diferenciada em relação às novas gerações. Tinham o foco no trabalho para ganhar dinheiro, seja como boia fria ou outra atividade, para ajudar a sustentar a família.

Alfa (2017) narra que nunca frequentou uma unidade escolar “não, não, porque não tinha no tempo que eu andava. Agora, aqui, eles estão frequentando a escola, esse, o outro, o neto, o meu filho que mora lá em cima, está lá, ele estuda ainda à noite, é isso”. O tempo era curto. Quando o cigano ancião narra o fator tempo, ele está realizando uma referência às mudanças que constantemente aconteciam com seu povo, não havendo oportunidade e tempo para frequentarem uma escola.

Já os ciganos mais jovens estão constantemente percorrendo os espaços escolares, deixando de serem não escolarizados como seus antepassados, avôs, pais, tios ou tias. Esse processo de escolarização aos poucos vai compondo a maneira de viver em sociedade dos ciganos, que acreditam que a educação é muito importante para os jovens. No entanto, no tempo em que os narradores eram mais jovens, esta questão relacionada à escola não era discutido, pois não fazia parte do processo formativo deles, devido às constantes mudanças sem paradeiro certo.

Charlie (2017) narra: “não, antigamente não tinha paradeiro. É como eu estou te explicando, a gente vivia mudando de uma cidade para outra, então nós nunca estudamos, nós nunca fomos na escola”.

Na narrativa apresentada por Eco (2017), a vida dos ciganos sempre foi muito difícil, com muito trabalho. Entre todas as entrevistas realizadas, apenas nesta família foi mencionado que os pais abordavam a questão de seus filhos irem à escola, mas Eco não diz se algum dia eles matricularam as crianças. Ela

diz: “falava, mas a gente trabalhava demais na roça, aí não dava tempo, aí chegava do serviço cansada para poder ir para a escola”.

Em outra fala ela completa dizendo:

Antigamente não tinha oportunidade não, a gente trabalhava muito na roça, vivia trabalhando, mexendo com as coisas, não tinha tempo para isso não. Aí, depois eu casei, criei os meus filhos, agora depois da gente de idade, a gente não..... eu acho que não adianta mais não. (ECO, 23/03/2017)


Pelos relatos, os ciganos mais velhos não frequentaram a escola. O que eles aprenderam com seus pais ou com os mais velhos do grupo familiar era considerado suficiente para garantir a sobrevivência de todos. Aprendia-se observando com o convívio familiar, escola era algo desnecessário, sem importância, coisa de não cigano.

Para os ciganos narradores/participantes desta pesquisa, o sentido de educação ancora na vivência de mundo, nos ensinamentos e aprendizados que eles adquiriram com os mais velhos. Eles aprenderam com a escola da vida tudo que sabem e julgam necessários para manterem suas famílias. A escola, enquanto um espaço físico que ensina a ler e a escrever, está presente apenas nas gerações mais novas, para os filhos e netos, como apontados por Delta e demais narradores.

Atualmente, os ciganos que disseram viver em casas de alvenaria na cidade de Pires do Rio-GO percebem a educação formal como uma necessidade para as gerações futuras. Os pais matriculam seus filhos nas unidades escolares da Rede Pública de Educação, levam e buscam, na medida do possível suas crianças nas escolas, mas não participam efetivamente do desenvolvimento escolar ou reuniões, com o grupo gestor das escolas¹⁰.

Diante do exposto, conforme as narrativas apresentadas pelos sujeitos narradores, a escola era algo distante, que não fazia parte da vida cigana, devido

10 Essa característica foi observada quando um dos autores deste texto, durante o momento que atuou como professor regente no 5º ano na escola Municipal Sebastião Antônio Leite, nos anos de 2014 e 2015, unidade escolar que concentra o maior número de crianças ciganas matriculadas, conforme dados enviados por e-mail no dia 26/04/2016 pelo secretário escolar. Os números apresentados representam os dados das matrículas localizados nos arquivos da escola e identificados como sendo ciganos. Não há qualquer tipo de característica nas fichas de matrículas ou demais documentos que os identificassem como ciganos.



aos fatores relacionados como nomadismo, falta de instrução dos pais, cultura, dificuldades em serem aceitos na comunidade local. Por ser uma “coisa”¹¹ de não ciganos para ciganos, a escola não fazia parte da vida formativa. Ela em nada influenciava sua vivência. A única escola frequentada todos os dias em todos os espaços com professores que os acompanhavam todos os dias era a escola da vida, tendo como mestres aqueles que os ensinavam como viver apenas com o mínimo possível para sustentar a família e mantê-los unidos dentro dos padrões aceitáveis pela vivência e cultura cigana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola do dia a dia é a escola da vida? De um modo geral, para os ciganos de Pires do Rio-GO, podemos dizer que o conhecimento e aprendizado vão acontecendo mesmo quando não se percebe. Nasce de uma conversa informal, ao contar uma história ou fato do dia a dia. Emerge quando vemos alguém realizando determinado trabalho e aprendemos por meio da observação, ou quando conversamos com outra pessoa. As narrativas ciganas relacionadas aos processos formativos proporcionam um mergulho em fatos rememorativos, que ficaram no passado e que veem à tona, quando são acionados por fatores externos, que, neste caso, são potencializados através das entrevistas realizadas na pesquisa exploratória e produção de dados, através de questionários semiestruturados.

A escola da vida se traduz na experiência acumulada ao longo dos anos. Entre os ciganos não escolarizados de Pires do Rio-GO há uma forte tradição formativa baseada nos costumes, tradições e nos ensinamentos transmitidos pelos antepassados. O que dá sentido à vida para os ciganos velhos não escolarizados, encontram-se ancorados nos ensinamentos transmitidos pelos seus genitores e familiares. Isto é o que eles conhecem e vivenciaram desde criança.

A subsistência familiar, tanto do ponto de vista material quanto subjetivo, como as ligações familiares, estão fundamentalmente ancoradas nas práticas laborativas. Os ciganos encontram sentido para a vida vivendo próximo aos seus familiares, mesmo com todas as demandas da contemporaneidade, tais como o

11 Os ciganos narradores referem-se como “coisa” a escola enquanto prédio onde trabalham professores não ciganos que ensinam os ciganos. É um lugar que na concepção dos narradores/participantes não era para ser frequentado por eles devido as constantes mudanças e estilo de vida. Porém, para os mais jovens, mesmo não havendo assiduidade à escola, está se tornando uma prática normal.

preconceito, escola, que fazem parte do dia a dia dos sujeitos habitantes de Pires do Rio-GO. São questões que no passado, eles vivenciaram de maneira diferente do que é apresentada atualmente.

Em Pires do Rio-GO, não há especificamente um território cigano e sim um lugar com a maior aglomeração no Bairro Nadin Saud. Estes ciganos não realizam mais as constantes viagens e não montam barracas de lonas, pois, abandonaram o nomadismo e optaram por morarem em casas de alvenaria e criar seus filhos nos moldes das famílias não ciganas. Entretanto, algumas características das tradições ciganas ainda permanecem adaptadas à contemporaneidade.

Atualmente, não usam mais as vestimentas longas e coloridas ou adornos, tão comuns à imagem construídas dos ciganos. Casam cigano com não cigano, ampliando suas relações e o processo de sedentarização. Outro fator que merece destaque está relacionado à questão religiosa bem marcante nas narrativas desses sujeitos que frequentam qualquer igreja católica ou evangélica, pois, para eles, o importante é acreditar em Deus como o único salvador.

Atualmente, há famílias patriarcais e matriarcais, que os jovens, mesmo com as muitas transformações advindas dos tempos modernos, procuram obedecer. Nesse sentido, as famílias ciganas pesquisadas de longe podem ser comparadas com as mais antigas e tradicionais em todos os sentidos que perpassam as questões relacionadas ao casamento, número de filhos ou seguir as tradições típicas do povo cigano.

Percebeu-se que entre os ciganos mais velhos o índice de não escolarizados é muito elevado, mas que pela tradição cultural e forma de vida que eles vivenciavam era comum não frequentarem as unidades escolares, independente do gênero. Em contrapartida, as gerações mais novas vivenciam outras realidades à medida que são todos escolarizados, frequentam as escolas e tem muitos projetos de melhorarem de vida, casar, ter filhos e morarem em uma casa mais confortável.

O processo formativo dos ciganos de Pires do Rio-GO são frutos de todas suas vivências e práticas como: comprar e vender animais, toalhas, panos de prato, fazer gambira, realizar pequenos serviços gerais, cozinhar, lavar, passar, e cuidar dos filhos.

Clandinin e Connelly (2011) dizem que “as experiências se desenvolvem a partir de outras experiências, que levam a outras experiências, por isso um critério da experiência é a continuidade”. Nas narrativas apresentadas, o vivido é

o conteúdo forte da formação que tiveram ao longo da vida. Tudo o que sabem faz parte de um processo acumulativo de experiências que os acompanharão por toda vida. E as narrativas aqui apresentadas nos permitem visualizar essas experiências ciganas, evidenciando, conforme Bragança (2011), o humano, reconhecendo-os enquanto sujeitos históricos.

No entanto, mesmo que a Escola seja algo definido como “coisa” e que quem ensina um cigano no banco escolar seja um não cigano, as tradições formativas familiares/grupal estão perdendo força. Não conversamos com gerações mais jovens, mas pelos relatos que os velhos nos deram, a presença das tradições formativas permanece resistindo modestamente talvez, enquanto esses velhos senhores e senhoras ainda viverem.

REFERÊNCIAS

ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Bettina. **Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 32, n.1, jan./abr. 2006

BOLÍVAR, Antônio. Metodología de la investigación biográfico-narrativa: recogida y análisis de dados. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Tomo II. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012, p.79-110.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de. **Sobre o conceito de formação na abordagem (auto) biográfica**. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 157-164, maio/ago. 2011. <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8700>. Acesso em: 25/09/2017.

BRUXELAS, **Memorando sobre Aprendizagem ao Longo da Vida**. Ver em: <https://infoeuropa.eurocid.pt/files/database/000033001-000034000/000033814.pdf>. Acesso em 28-08-2018.

CASPAR, P. **Ser formador nos dias que correm: novos atores, novos espaços, novos tempos**. Sísifo: Revista de Ciências da Educação. Lisboa, v. 2, p. 87-95, 2007.

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: Experiências e História na Pesquisa Qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DIAS, Cristiane. **Mapeamento do município de Pires do Rio - GO: usando técnicas de geoprocessamento**. Tese de Mestrado UFU, Universidade Federal de Uberlândia 2008.

FELIPE, Adilson dos Reis. **Narrativas de formação de famílias ciganas em Pires do Rio - GO (2000-2017)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás - Unidade Acadêmica Especial de Educação, Catalão, Programa de Pós-Graduação em Educação, Catalão, 2018.

JOSSO, M. C. Da formação do sujeito ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, M. (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

JOSSO, Marie Christine. **Experiência de vida e formação**/Marie Christine Josso; prefácio António Nóvoa; revisão científica, apresentação e notas à edição brasileira Cecília Warschauer; tradução José Claudino e Júlia Ferreira; adaptação à edição brasileira Maria Vianna - São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, M-Christine. **A transformação de si a partir A transformação de si a partir da narração de histórias de vida** Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

LIBANIO, João Batista. **A arte de formar-se**. 4^a ed. São Paulo - Edições Loyola, 2002 (Coleção CES).

MOONEN, Frans. Anticiganismo os ciganos na Europa e no Brasil. 3^a edição digital revista e atualizada Recife. 2011.

OLIVEIRA, Terezinha; VIANA, Ana Paula dos Santos, BOVETO, Lais e SARACHE, Mariana Vieira. Escola, conhecimento e formação de pessoas: considerações históricas. In: **Políticas educativas**. Porto Alegre, v. 6, n.2, p. 145-160, 2013. Ver em <http://seer.ufrgs.br/Poled/article/view/45662/28843>. Acesso em 28-08-2018.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos ciganos no Brasil: uma breve história**. 2^a ed. Belo Horizonte. Crisálida, 2009.

TURATO E. R. **Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa.** Revista de Saúde Pública, 2005.



ENTREVISTAS

Cigana Eco. **Entrevista 1** - (23 de março de 2017). Entrevistador, Adilson dos Reis Felipe, Pires do Rio, 2017.

Cigano Alfa. **Entrevista 2** - (09 de abril, de 2017). Entrevistador, Adilson dos Reis Felipe, Pires do Rio, 2017.

Cigana Charlie. **Entrevista 3** - (16 de Abril de 2017). Entrevistador, Adilson dos Reis Felipe, Pires do Rio, 2017.

Cigana Delta **Entrevista 4** - (18 de abril, de 2017). Entrevistador, Adilson dos Reis Felipe, Pires do Rio, 2017.

Cigano Bravo. **Entrevista 5** - (21 de abril de 2017). Entrevistador, Adilson dos Reis Felipe, Pires do Rio, 2017.

Recebido em 25/09/2018

Aprovado em 06/02/2019